

UMA ANÁLISE DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Areta Held PREVIATTI¹
Eliana Maria OLIGURSKY¹
Wania Cristina Tedeschi RAMPAZZO¹
Vera Lúcia de Carvalho MACHADO²

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

Este livro surgiu das experiências que Chizzotti (2006) viveu no curso de Pós-Graduação, observando a necessidade de orientações que os mestrandos tinham com relação às elaborações de tese ou de dissertação para mestrado. Houve participação dos docentes e em especial dos alunos de doutorado em Educação da PUC-SP, entre outros colaboradores.

Chizzotti divide o livro em partes, sendo a primeira com fundamentação histórica e filosófica sobre a pesquisa qualitativa, portanto teórica, e a segunda com apresentação detalhada e mais técnica de como pode ser feita uma pesquisa qualitativa, ou seja, como se constrói uma pesquisa qualitativa através de estratégias que o autor cuidadosamente descreve. Acrescenta uma bibliografia relevante, caso o leitor queira se aprofundar sobre o assunto. Ao final do livro, encontra-se uma série de sítios da internet sobre pesquisa em ciências humanas e sociais.

O livro é recente, com publicação em 2006. Apresenta uma linguagem objetiva, porém carregada de elementos gramaticais e explicações complexas. O autor consegue transmitir ao leitor o entendimento necessário sobre o que seja uma pesquisa, o que é ser pesquisador, as concepções que orientam a visão de mundo do pesquisador, quais os procedimentos de investigação do problema a ser pesquisado, bem como as estratégias adequadas para se desenvolver uma pesquisa qualitativa.

Por um lado, concordamos com o autor quando afirma que o livro é uma contribuição valiosa e atual para os novos pesquisadores de qualquer área do conhecimento. Por outro lado, discordamos quando diz que a obra não é um manual de pesquisa. O livro é escrito e dividido de tal maneira que muitas vezes se apresenta como um grande guia de como se aplicar uma pesquisa qualitativa nas suas diversas possibilidades.

¹ Mestrandas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-CAMPINAS. Campinas, SP. E-mails: <areta.hp@bol.com.br>; <elianamariamoreno@hotmail.com>; <lrampazzo@gmail.com>.

² Doutorado em Educação pela UNICAMP. Docente, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-CAMPINAS. Campinas, SP. E-mail: <veramachado07@terra.com.br>.

Uma crítica a este autor refere-se à dificuldade que os investigadores principiantes possam apresentar devido à escrita complexa do autor, necessitando de maior esclarecimento de conceituação e por isso é importante ter a referência bibliográfica ao final de cada assunto, para que haja uma incursão do investigador para esclarecer suas dúvidas em outras obras.

Ressalte-se, ainda, a discussão filosófica desenvolvida pelo autor sobre o surgimento histórico da pesquisa qualitativa, destacando alguns filósofos importantes e os cinco grandes marcos históricos, que promoveram mudanças socioculturais na maneira de refletir sobre as coisas, os seres e os objetos.

Nesse contexto, faz um breve histórico do cenário mundial do desenvolvimento científico a partir dos séculos XVII e XVIII, com a Revolução Inglesa (1688), a Revolução Francesa, (1789) - conseqüentemente a revolução industrial com a consolidação do capitalismo -, até o século XX, em que se apresentam os grandes marcos com datas não muito precisas, mas que situam a pesquisa qualitativa dentro da evolução histórica da sociedade, focando as necessidades de cada época.

Os conceitos de objetividade, validade, fidedignidade e rigor da pesquisa científica vão sendo transformados à medida que se começa a repensar a finalidade da pesquisa qualitativa. O movimento passa da corrente filosófica empirista, idealista, positivista, historicista até a dialética, que é o movimento que a corrente filosófica marxista preconiza.

Chizzotti destaca a importância da fundamentação teórica (epistemologia) na pesquisa qualitativa, pois esta se encaixa em qualquer corrente ideológica, seja ela positivista, marxista, fenomenológica, construtivista, historicista ou outras. Por isso, o processo de investigação precisa ser neutro, mesmo sabendo-se que o pesquisador pertence a um grupo social, a um contexto histórico, político e econômico da sociedade que determinam uma visão de mundo. Podemos perceber aí uma certa contradição do autor, pois sabemos que muitas

dessas correntes citadas são contra a idéia de que o pesquisador pode e consegue ser neutro, sendo um sujeito histórico, social e marcado por valores e ideologias.

A metodologia empregada no desenvolvimento da pesquisa é abordada por Chizzotti (2006) com enfoque qualitativo, mas não deixa de fazer uma abordagem às pesquisas de caráter quantitativo, muito utilizadas nas ciências naturais baseadas em dados mensuráveis. O autor defende a pesquisa qualitativa, porém não considera inválida uma pesquisa quantitativa. Esclarece que o que faz uma pesquisa ser qualitativa é o tratamento de se analisar significativamente os dados coletados, não deixando de atender ao rigore e à objetividade que uma pesquisa exige.

Atualmente, a tendência que os pesquisadores adotam é a pesquisa qualitativa, cuja metodologia permite uma maior reflexão sobre os dados e vem atendendo vários segmentos de áreas de conhecimento não só da educação.

De acordo com Chizzotti, percebe-se o crescente uso da etnografia em diferentes áreas de pesquisa, tendo em vista o pressuposto fundamental: através da interação direta com as pessoas na vida cotidiana, auxilia na compreensão de suas concepções, práticas, motivações, comportamentos e procedimentos.

O texto traz uma visão sócio-histórica da etnografia, ressalta o seu significado como sendo uma descrição das crenças, magias, artefatos e da organização social de um determinado grupo ou comunidade. A etnografia, no entanto, consolida-se como a descrição do conhecimento cultural do meio em que estão os informantes, pela observação e significados atribuídos às suas ações e práticas.

Enfatizamos que, por meio das técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas, é possível documentar o não documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia, descrever as ações e representações de seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de

comunicação e os significados que são criados e recriados.

Chizzotti faz uma exposição didática, reunindo as pesquisas ativas em dois títulos: pesquisa-ação e pesquisa participativa. As pesquisas ativas possuem sentidos extremamente variados, com tipos e objetivos específicos. Apresentam, entretanto, uma raiz comum com significativas diferenças científicas e sociopolíticas.

A expressão pesquisa-ação não é nova no cenário das Ciências Sociais. Ela foi usada pela primeira vez por Kurt Lewin (1947). Os princípios da pesquisa-ação pressupõem diversas fases espirais reiteradas de análise, pesquisa de fatos, conceituação, elaboração de planos de ação, realização desses planos, seguida de avaliação.

O texto mostra que a década de 50 marcou o florescimento desse tipo de pesquisa nos dois hemisférios, embora com ênfases diferentes. No Sul, vinculada aos movimentos sociais populares, e no Norte, como forma psicanalítica, decorrente da Segunda Guerra Mundial.

No entanto, nos anos 70, a pesquisa-ação ingressa em ciências sociais como um novo paradigma que reformula o conceito de mudança e que contesta os fundamentos da pesquisa tradicional e torna-se um meio de ultrapassar as muralhas que separam a pesquisa acadêmica dos problemas reais da sociedade, superando a característica positivista da “ciência pura”.

O autor apresenta a pesquisa participativa como um meio de mudança efetiva para a qual os sujeitos devem elaborar e trabalhar uma estratégia de mudança social. Complementa que a pesquisa assim compreendida constitui-se como uma prática social, com o objetivo de modificar as circunstâncias, cabendo ao pesquisador profissional o papel de animador do intercâmbio de informações e de gerador de um novo conhecimento para melhorar uma situação dada.

Pode-se acrescentar, também, que nesse tipo de pesquisa distinguem-se dois tipos de práticas decorrentes de seus objetivos, possibilidades efetivas e meios para sua

realização: pesquisa para a ação e pesquisa pela ação.

Como assinala Chizzotti, história de vida é o relato de uma experiência significativa vivenciada por um indivíduo ou um grupo colhido pelo investigador de forma oral ou por escrito, o qual ainda pode recorrer a outras fontes que tenham relação à história para complementar a pesquisa.

A biografia é uma maneira de relatar a vida de um indivíduo, narrada por outra pessoa. Normalmente, é escrita a partir de documentos e hipóteses. Acreditamos que a biografia, muitas vezes, é repleta de especulações.

Quando uma biografia é escrita pelo próprio sujeito, é denominada de autobiografia. Concordamos com Chizzotti, quando afirma que nesse tipo de relato o autor pode eleger os fatos que quiser, ocultar verdades, distorcer situações. Assim, ela pode ser considerada uma fonte tendenciosa e, muitas vezes, perder sua credibilidade e autenticidade.

Para explicar a história oral o autor recorre à definição de memória. Essa análise vem recuperar as lembranças do grupo, e muitas vezes sua descrição é voltada mais para a subjetividade dos indivíduos do que para o fato em si.

Ressaltamos a importância dada no texto às condições metodológicas ao se trabalhar com vidas humanas, diante de suas instabilidades, fluências e imprevisibilidades. São descritas algumas alternativas, inclusive, para utilizar-se o método bibliográfico.

Em relação à análise de conteúdo, análise de narrativa e análise do discurso Chizzotti, afirma que são documentos de qualquer natureza transformados em textos para serem analisados. Já o estudo de caso envolve um indivíduo ou algumas pessoas inseridas em um contexto real. Destacamos a crítica que o autor faz a esse tipo de pesquisa, na qual afirma que o estudo de caso não tem uma amostra que possa oferecer base para generalizações, devido a seus resultados serem fechados, específicos e restritos.

Essas análises pretendem, ao retirar do texto os elementos para compreendê-los, garantir a imparcialidade objetiva. Sabemos, contudo, que a simples ação do investigador, em retirar certos elementos em detrimento de outros, não é uma atitude imparcial, mas guiada pelo seu olhar, que é imbuído de pré-conceitos, valores, ideologias e anseios.

Concordamos com o autor, quando afirma que essas análises precisam ser interpretadas em um contexto histórico, social, cultural e político.

Concluimos que no livro podemos ver dois tipos de abordagens: epistemológicas - resgatando concepções filosóficas e teóricas -, e abordagens mais técnicas - definindo passo a

passo como proceder na pesquisa. Nesses momentos a estrutura do texto é em forma de itens, elencando as seqüências a serem seguidas, como um autêntico manual. Dessa forma, não deixa de ser um grande auxiliar para os que começam cursos de pós-graduação.

Por fim, é importante destacar que a classificação apresentada pelo autor não é consensual pelos pesquisadores que abordam essa metodologia, havendo diferenças nas análises e nomenclaturas propostas por outros autores.

Recebido em 22/8/2007 e aceito para publicação em 12/9/2007.